

UMA GLOBALIZAÇÃO HUMANISTA: NOSTALGIA OU ESPERANÇA?

A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO PARA UM MUNDO GLOBALIZADO

Atílio Hartmann¹

Resumo: na atual sociedade globalizada, onde os bens da fé são mediatizados e oferecidos como produto de consumo individual, também através dos meios de comunicação massivos, parece que as formas de expressão de uma religiosidade espontânea e comunitariamente desenraizadas, estão ganhando espaço e adeptos em detrimento das organizações eclesiais tradicionais. Neste contexto, aparecem e estão se afirmando novos cenários de expressão religiosa, menos instituição burocrática e dogmática e mais expressão individual, de sentimento, alma e coração. E há experiências novas de organização eclesial comunitária que estão se transformando em lugares de encontro e de relações pessoais, contraponto de relações virtuais patrocinadas pela mídia globalizada.

Palavras-chave: religião/religiosidade, globalização, sistema de meios, igreja midiática, prática comunitária da fé, cenários de esperança

Querer separar hoje o espaço/tempo/lugar sagrado do espaço/tempo/lugar profano é pelo menos surrealista. Há somente um único espaço/tempo/lugar: o do homem e seu mundo-da-vida. A distinção entre sagrado e profano é admissível apenas quando acontece num espaço metodológico acadêmico; no cotidiano das pessoas, estas duas dimensões da vida humana se encontram tão essencialmente imbricadas que separá-las seria destruir a ambas. Isto responde parcialmente à importância do debate sobre a contribuição da religião/religiosidade ao homem e seu mundo relacional no começo deste novo milênio da era cristã.

"Pois é... prá quê?!", perguntava uma canção cantada em espaços fechados e alternativos nos anos da ditadura militar no Brasil (1964 a 1985). Repressão, silêncio, violência, desaparecimentos, mortes... "pois é...prá quê?!" A sensação que experimentaram aqueles que viveram os chamados "anos de chumbo" era a de um certo "destino" quase místico, religioso, um pesadelo ou um filme de terror no qual todos tinham seus papéis como espectadores, figurantes ou protagonistas. As ditaduras estavam em moda no continente latino-americano; todos os países tiveram a sua, exceto Costa Rica que, paradoxalmente, não

mantém exército regular desde 1946... Possivelmente, também com relação a manter exércitos regulares, cheios de privilégios de toda ordem, muitos repitam o mesmo..."pois é... prá quê?!"

Na perspectiva do religioso, com seus diferentes vieses, surge, quase naturalmente, a mesma pergunta: "Pois é... prá quê?!". Pode a dimensão religiosa, tão presente em nossas culturas, organizada ou não em comunidades eclesiais, oferecer uma contribuição significativa a um mundo globalizado, onde o que não é mensurável, visível ou contábil é visto, pelo menos, com desconfiança? Em caso de resposta positiva, ao menos como hipótese, de que ordem e conteúdo seria esta contribuição?

Uma primeira pergunta para avançar na hipótese: haverá fé no sentido de crença numa realidade transcendente, de ordem espiritual, quando o mundo, entendido holisticamente como lugar da economia, das culturas, das relações pessoais e institucionais, das religiões, estiver totalmente globalizado? Aqui surge uma pergunta suplementar, intrigante e instigante: pode haver religião/igreja sem fé ou fé sem religião/igreja? Seguramente, a fé que se alimenta numa religiosidade quase natural parece ter mais chances do que a fé organizada em sistemas eclesiais, tais como os conhecemos atualmente. A grande mídia aposta nesta religiosidade espontânea e constrói com ela e por ela produtos culturais de toda ordem. Seus "ministros ordenados" são colocados a serviço desta fé que encontra cada dia mais "fiéis", os quais consomem compulsivamente os bens que lhes são oferecidos pela mídia.

Mas há mais perguntas e uma delas é central para nossa hipótese: encontrarão as pessoas respostas de sentido depois da mundialização das culturas, da mitologização do capital, das relações que se resumem, muitas vezes, ao consumo, da criação de um deus *ex machina* que tem por função avalizar eticamente e dizer que "tudo é bom" - bendizer - o que o atual sistema econômico e de meios produz? Em última análise, a nunca cabalmente respondida pergunta fundamental que a gente se faz é a mesma da canção: "Pois é... prá quê?!". É uma pergunta de sentido que recebe nova atualidade em cada momento histórico, em cada cultura, em cada região do mundo, em cada grupo social, no cotidiano de cada pessoa. Neste início de um novo milênio da cultura ocidental o "pois é... prá quê?!" busca respostas de sentido num mundo altamente tecnizado, de culturas globalizadas e relações pessoais virtualizadas.

O sistema neoliberal do capital transnacional coopta palavras de sentido e oferece suas próprias respostas. Palavras como "realização pessoal", "felicidade", "amor", "gratuidade", "solidariedade", vêm embutidas em verdadeiros *kits* midiáticos e vendem de tudo. A pergunta é: este tipo de produção e resposta de sentido não seria um dos componentes da incubação de

uma sociedade cada dia mais neurótica, onde as relações entre as pessoas se fazem sempre mais superficiais e consumistas e, por isso, frustrantes, sem-sentido?! O consumo compulsivo de sempre mais bens tecnológicos e sempre menos bens culturais não seria uma busca, talvez inconsciente, de uma resposta de sentido a uma espécie de vazio existencial, um *no sense* vivencial? E voltamos à pergunta central: tem sentido, hoje, falar da possibilidade da contribuição da religião organizada (igrejas, comunidades) como resposta a uma necessidade, também social, de relacionamento presencial, que produza sentido plenificante e plenificador?

Embora pareça exagerado e apocalíptico o grau de negativismo de Lipovetsky em sua obra *La era del vacío*², não se pode deixar de reconhecer que há muito de verdade quando ele comenta a realidade atual. Sente-se uma apatia mais ou menos generalizada entre as pessoas diante de situações que vivenciam em seu cotidiano ou que lhe são passadas pela mídia. E esta apatia, esta indiferença, esta desistência consciente de posicionar-se diante de situações de injustiça, de violência, de exclusões de toda ordem afeta, em grande parte, também as gerações mais jovens. Dizer que o novo milênio é dos jovens de hoje pode ser uma demagógica frase de efeito ou uma honesta preocupação com o amanhã. Depende de quem a diz e com que intenção. Percebe-se, igualmente, um crescente narcisismo social que leva as pessoas a olhar seu entorno sempre e somente a partir do seu próprio mundo-da-vida. Os níveis de individualismo e consumismo compulsivo estão gestando uma sociedade filosoficamente desencantada e culturalmente esgotada.

Falando de gerações jovens, este quadro fica explícito quando um professor trabalha disciplinas como... "Comunicação e Filosofia", "Teorias da Comunicação", "Mídia e Cultura" ou "Introdução ao Rádio", que se supõe seja uma introdução ético-filosófica, e escuta um similar... "pois é... prá qué?!" "Prá quê me servem essas disciplinas no meu trabalho profissional?!" O profeta brasileiro Paulo Freire, com sua prática educacional, na qual todos os participantes de um processo educativo são sujeitos na construção coletiva de conhecimento, é quase uma figura folclórica para muitos desses jovens. Outros nem sequer sabem quem foi Freire. São "jóias" de uma ditadura que arquivou as expressões culturais, exilou o pensamento, expurgou a arte, castrou a canção!

Por que lembramos aqui estas situações sociopolíticas e culturais que afetaram, com distintos matizes, aos países da América Latina e de muitas regiões do mundo, particularmente do assim chamado "terceiro mundo"? Simplesmente porque existe uma estreita relação entre a uniformidade que buscavam estes governos títeres ou auto-impostos, patrocinados pelo poder central supostamente democrático do simpático "tio Sam" e do atual

sistema quase único do poder sociopolítico e econômico globais. Em outras palavras, a uniformização do pensamento e do conhecimento, das culturas e das artes, protagonizado pelas ditaduras, deixou preparado o terreno para a economia e a política, o pensamento e o conhecimento, a cultura, a arte e a religião globalizados.

Quando o exemplo vem de cima e é protagonizado pelo poder político ou religioso estabelecidos, as pessoas se autoperdoam e autojustificam sem nenhum drama de consciência. Uma das seqüelas do poder centralizado e antidemocrático vivido nos países do terceiro mundo, gerando um sentimento de acomodação e de não-responsabilidade por aquilo que ocorre no entorno social, político, econômico, foi o aparecimento de uma sub ou pré-cultura que menospreza ou ridiculariza valores comuns históricos como a reverência à vida, a dignidade humana, a honestidade e a veracidade nas relações pessoais e sociais. A corrupção generalizada, antes encoberta, agora é moeda corrente e sempre mais pessoas a utilizam em suas relações cotidianas. "Pois é... prá quê?!" "Por que vou ser honesto e digno, respeitar a vida e a natureza, indignar-me com a corrupção se os que estão no poder são exemplos de exploração, de mentira e falsidade de toda ordem?"

A subcultura da corrupção, universalmente presente na América Latina e com carta de cidadania no Brasil, parece ser uma consequência direta dos sistemas políticos dos anos sessenta a oitenta, quando os meios (de comunicação) foram utilizadas para gerar medos, desembocando nos atuais sistemas democráticos formais que trazem embutidos neles mesmos as características de falsidade, de acomodação massiva, de individualismo mórbido, de uma opressão de outro signo: o signo de uma participação virtual em sistemas com maquiagem democrática, mas sem oferecer perspectivas de mudanças reais no econômico, na construção de conhecimento, nas relações sociais. São toleradas escaramuças democráticas para renovar a maquiagem, nada mais. Quando ainda conseguem fazer silêncio no agito cotidiano, as pessoas se sentem como marionetes movidas por um poder invisível e indefinível; este sentimento lhes tira toda responsabilidade ética ou moral, gerando, ainda, um sentimento de incapacidade e automatismo. "Vou fazer o que é possível fazer. E tentar sobreviver...".

É parte da escaramuça democrática a sensação de presença no grande mundo global quando se facilita ao máximo o acesso a *kits* turísticos a pessoas de ingresso mensal médio. "Não se preocupe, temos planos de viagem feitos especialmente para você. E você poderá fazer a viagem dos seus sonhos, ir a lugares que você só via em filmes e encontrar pessoas que você só via em revistas de moda. Viajando conosco você também é uma pessoa importante!". Perfumaria, escaramuça democrática e maquiagem participativa, nada mais.

Nesta linha do esvaziamento da responsabilidade ética ou solidária, vivendo numa sociedade neurótica e neurotizante, onde dominam a violência gratuita e o desrespeito pelo humano, um noticiário espetacularizado vai contribuir para tornar normal estas situações. O que em outros tempos seria visto como uma patologia social, agora é aceito e vivido pelas pessoas como algo comum, próximo, da cultura doméstica e, por isso, normal. Está cada dia mais difícil chocar ou abalar as pessoas!

Enfraquecidas diante de um poder que as aplasta e oprime, as pessoas, ressemantizando o cotidiano a partir dos produtos culturais que consomem, desenvolvem pequenas táticas de resistência que fazem a vida ainda suportável e com algum tipo de sentido. Existe uma espécie de cumplicidade entre consumidor e produtor cultural: um ressignifica as mensagens que recebe; o outro, reapropriando-se do falar e atuar popular, propicia os elementos fundamentais para que a pessoa possa interpretar a sua vida e relativizar os problemas do seu cotidiano.

Nestas táticas de resistência se insere uma nova categoria religiosa, muito presente na realidade atual: a dos transmigrantes religiosos ou eclesiais, que podem ser identificados pelas mesmas ou similares características que identificam boa parte das populações urbanas de hoje: oriundos do interior ou de outras cidades, com uma multifacética identidade racial e étnica, de famílias fragmentadas, sem referências socioculturais arraigadas, sem opções religioso-eclesiais históricas definidas, são pessoas religiosamente sincréticas, vivem um multiculturalismo individual quase espontâneo, onde a mídia encontra terreno fértil para a recepção de elementos culturais globalizados.

Obviamente, tudo isso muda a imagem que as pessoas têm de si mesmas e o sentido de lugar que ocupam no universo, muda o sentido do tempo e da memória. E muda o sentido de Deus, da religião e da pertença a uma igreja/comunidade determinada.

O debate sobre culturas e multiculturalismo define bastante claramente uma crise de identidade de grupos e pessoas e que parece gerar outro tipo de crise: a crise existencial. A ausência de raízes comunitárias e de culturas referenciais fundantes que ofereçam um "porto seguro" onde ancorar suas vidas e projetos mais amplos que os do trivial e cotidiano "come-e-dorme" ou a simples luta pela sobrevivência, faz com que sempre mais mulheres e homens já não se reconheçam em seu próprio entorno social e, inclusive, em seu entorno mais próximo, familiar, profissional, religioso, comunitário.

A produção de sentido, entendida neste seu alcance mais amplo, tem a pretensão de ser mais plenificante que as respostas encontradas no cotidiano e que, por falta de um termo mais adequado, poderiam ser chamadas de imediatistas. O consumo real ou imaginário de bens culturais é uma destas respostas imediatistas de sentido. Não se trata de identificar ou expressar aqui um juízo comparativo de valor: muitas vezes, em determinado momento ou situação, a resposta imediatista de sentido é a mais útil e necessária para determinada pessoa que vive uma determinada situação em sua vida pessoal, familiar ou social.

Como resposta imediatista de sentido entende-se, também, o consumo de bens da fé, muito presente em propostas religiosas fundamentalistas e pragmáticas que estabelecem com a divindade um "espaço de troca" material, onde o fiel/cliente entra com sua parte, seja em forma de "promessas", de oferta de objetos ou dinheiro e a divindade é "pressionada" a responder com o "milagre" (bom emprego, saúde, dinheiro, sorte no namoro ou no jogo), sempre com base na teoria bíblica do *cem por um* ou do "franciscano" *do ut des...* é dando que se recebe!. Os adeptos desta forma de expressão religiosa geralmente cultuam uma divindade individual e não dão importância nem vêem necessidade na organização, vivência e celebração comunitária da fé. Também não valorizam a dimensão histórica de uma instituição eclesial. O que importa para estes crentes é que a "igreja" responda, aqui e agora, às suas necessidades típicas de felicidade imediata. É neste grupo de crentes que encontramos a categoria dos transmigrantes religiosos ou transmigrantes eclesiais.

Num mundo caótico como o atual, a expressão religiosa pode apresentar-se como uma solução mágica à necessidade que as pessoas têm de um referencial que, para elas, faça sentido, construa sentido. Este sentido pode vir, em grande parte, da sensação de harmonização que o mundo religioso oferece ou pode oferecer. Assim, parecem pequenos cosmos de harmonia, de paz, tantos lugares de culto, onde a música, o canto, a dança sensual rítmica, o fechar os olhos, o convite à contemplação, ao êxtase, servem de contraponto à violência física, psicológica e moral do cotidiano das pessoas. Para praticar esta subjetiva religião da paz de espírito e de conforto da alma, as grandes *world religions* com suas macro-estruturas institucionais e seu discurso *urbi et orbi* parecem defrontar-se com uma única alternativa: ou oferecem estes espaços de prática religiosa, ou desaparecem.

A religião, vivenciada mais como bem de consumo individual do que uma prática coletivo/comunitária, parece ter cada dia mais seguidores. Além disso, há sempre mais pessoas que fazem e refazem seu micro-mundo religioso cotidiano diante da televisão. Ali, sozinhas ou com membros da família, eventualmente com parentes, vizinhos e amigos,

interagem com a TV e com "muitos irmãos e irmãs" interligados pela mídia e, num sentido amplo, pela mesma fé. Experiências frustrantes anteriores em participações presenciais desestimulam muitos fiéis de hoje, hedonistas e consumistas como a maioria das pessoas, a deixar a comodidade do ambiente familiar para enfrentar a rua, o templo, a voz pouco agradável do padre/pastor, o canto desafinado, os "donos" da liturgia, os assentos duros e nada anatômicos, os longos e repetidos "avisos paroquiais", a insistência pela contribuição econômica, o clima pouco cordial e geralmente nada acolhedor. Este não é um quadro teórico, fictício, montado para impressionar; este é o quadro real da maioria das igrejas/templos de nossa realidade atual. É desalentador, exasperante que, no caso católico-romano, passados quase 40 anos do Concílio Vaticano II, que insistia em liturgias inculturadas e participativas, ainda sejam o hermetismo, o formalismo e o racionalismo a marca da maioria das celebrações. E se admiram as hierarquias, padres e pastores que os templos se esvaziem mais e mais! Masoquismo tem limites e a fé não supera tudo...

O espaço hermético das instituições eclesiais cristãs em geral e os locais de culto pouco humanos que elas oferecem, estimulam a cooptação e utilização pela mídia do produto "religião" para gerar ingressos econômicos com o sentimento religioso, universalmente presente em nossa cultura.

Empresários da mídia televisiva perceberam o filão religioso e, ágeis, fizeram dele um espaço de grande audiência e uma ótima fonte de lucro. Conhecendo melhor a "alma do povo" que muitas instituições eclesiais, porque mais profissionais na área, resgataram símbolos, mitos e toda uma linguagem religiosa de muita emoção e fácil digestão. Os programas/produtos "religiosos" foram aparecendo em todos os horários, com um cardápio diversificado para todos os gostos e paladares deste macro-mundo de deuses e mitos, de santos e orixás, de tupãs e oloduns, de marias e iemanjás.

Entre as diferentes expressões religiosas hoje presentes no Brasil, *Reginaldo Prandi* identifica algumas características de religiões neo-pentecostais, entre elas, as de culto mágico da cura divina. E agora que o dinheiro já não é "coisa do diabo", *Prandi* ressalta os aspectos econômicos, proselitistas e político-partidários³ relacionados com a prática religiosa. Para ele, são modelos exemplares deste neo-pentecostalismo..a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Deus é Amor e a Casa da Oração.

Nenhuma dessas religiões se propõe a transformar o mundo. O pentecostalismo da cura divina, muito diferente da sua matriz original protestante desencantada (Max Weber, 1967), repõe a importância da magia e

*quer a transformação moral do indivíduo,ilhado no interior da comunidade religiosa, na qual ele vigia e é vigiado.*⁴

Prandi identifica também algumas semelhanças entre estas religiões, as religiões afro-brasileiras e o carisma brasileiro.

*Os afro-brasileiros querem o indivíduo no mundo, tirando dele todo o proveito que possa significar auto-realização e reafirmação do poder da divindade. (...). Os católicos carismáticos apostam numa transcendência imediata, muito diferente da distante transcendência das comunidades eclesiais de base (CEB), acreditam na cura pela imposição das mãos, no contato direto com o sagrado, através dos dons do Espírito Santo, abandonando completamente todos os velhos ideais de solidariedade fundados na teologia da libertação e na opção pelos pobres do catolicismo romano dos anos 60 e 70.*⁵

Nostalgia e esperança são sentimentos que surgem quando se fala desta prática religiosa dos anos 60/70, quando a dimensão social da fé era transversal a toda prática comunitária das igrejas. Hoje, muitas instituições eclesiais, inclusive históricas, montam seus projetos pastorais a partir da estrutura econômica, onde a "conquista de almas" se dá em função do mercado religioso. Neste cenário, de corte globalizado, a religião já não tem caráter de perpetuidade mas dura enquanto houver uma possibilidade de troca entre serviço religioso e consumidor deste serviço. *Prandi* apresenta este cenário num tom bastante apocalíptico, como se fosse um sermão dominical de *Vieira*⁶, *aggiornatto* para nosso tempo.

*Por isso, estão enganados os que imaginam que vivemos um momento de grande reflorescimento religioso, que nega a secularização e leva a sociedade, de novo, a entregar os pontos ao sagrado. A velha religião, fonte de transcendência para a sociedade como um todo, perdeu toda a sua utilidade. A religião que tomou o seu lugar é uma religião para causas localizadas, reparações específicas. (...). Os membros desta sociedade não vão conformar-se em ter apenas uma única religião porque querem usufruir daquilo que cada uma delas pode oferecer para seu interesse, compondo cada um a sua própria bricolagem religiosa, com anjos, espíritos, guias e gnomos, oráculos e pirâmides, ervas e formas de alquimia, preceitos orientais, cartas, passes, horóscopos, talismãs e toda sorte de símbolos e signos, religiosos ou não. Porque tudo se vende e tudo se compra.*⁷

Alcino Leite Neto afirma a coexistência pacífica de um deus único, uma espécie de Super-Deus, mas que, democraticamente, aceita a concorrência de outros deuses menores. Este deus democrático parece estimular a migração de uma expressão religiosa para outra, inclusive como exercício de liberdade numa realidade terrivelmente opressora e numa sociedade que perpetua velhas formas de escravidão e exclusão. Diz *Leite Neto* que,

para a convivência henoteísta, o oligopólio espiritual ambicionado pelas religiões clássicas, como o catolicismo (romano), é coisa do passado da humanidade. Já não há culpa nem pecado em abandonar uma religião e adotar outra. A mudança de credo vem a ser até uma forte fantasia de liberdade num mundo materialmente asfixiante. Num mundo como este, dá na mesma se um exorciza seus demônios no palco e outro dança feliz na aeróbica da fé, se este toca tambores entre as pedras pagãs de Stonenhenge, na Inglaterra, enquanto aquele tecla sua conversão na igreja da Eutanásia da Reverenda Korda, na Internet. A salvação pós-moderna sela a crise da metafísica ocidental, distribuindo deuses à imagem e semelhança de cada um.⁸

Esta fantasia de liberdade parece receber força e atualidade na assim chamada "igreja eletrônica"⁹ onde as pessoas interagem com seus deuses e mitos em espaços religiosos virtuais, inaugurando, inclusive, um novo conceito de prática religiosa. Pode entender-se por "igreja eletrônica" o fenômeno religioso que começou nos Estados Unidos e que encontrou na América Latina terreno fértil para sua implantação e rápida expansão. A igreja eletrônica nasceu no pentecostalismo norte-americano e sua principal característica, obviamente, é o uso massivo, constante e insistente da mídia eletrônica (Rádio, Televisão, Internet). A divindade que esta igreja cultua é, essencialmente, sanadora de todos os males tópicos e sua pedagogia pastoral é intimista, personalista e profundamente sentimentalista.

Este fenômeno, contudo, abarca muito mais e é mais profundo do que se pode imaginar e, de modo algum, se limita ao terreno religioso ou de curiosidade científica. Ele se transforma num fenômeno social, antropológico e, no campo das comunicações, numa importante mediação da experiência religiosa. *Jesús Martín-Barbero* expressa isso quando diz que são

unas iglesias que no se limitan a utilizar los medios de comunicación para hacer más amplia la audiencia de sus sermones, no se limitan a usar los medios para hacer más ancho el espectro de público al que llegan. No. A mi ver las iglesias electrónicas son iglesias que se han convertido especialmente al medio radio y al medio TV, haciendo de la TV y de la radio una mediación fundamental de la experiencia religiosa. Es decir, el medio (...) es un elemento fundamental del contacto religioso, de la celebración religiosa, de la experiencia religiosa.¹⁰

Poderíamos dizer que a igreja eletrônica é o lugar onde se está gestando uma neo-religião, midiática, de relações virtuais, com fiéis enredados pela mediação telemática. Esta neo-religião, que tem na mídia seu *habitat* natural, para muitos tem um primeiro e grande mérito: estaria contribuindo para o reencantamento do mundo da vida das pessoas. Num

tempo de desencantados, amargurados e desesperados, o reencantamento é um reencontro com a própria reconstrução de sentido na vida de muitas pessoas.

Este seria, sem dúvida, um mérito muito importante de uma neo-religião midiática e uma contribuição histórica de grande significado para a saúde e a qualidade de vida da gente. Martín-Barbero diz que a igreja eletrônica

está devolviendo la magia a las religiones que se habían intelectualizado, que se habían enfriado, que se habían desencantado. La iglesia electrónica echa mano de las tecnologías de la imagen y de tecnologías del sentimiento para captar la exaltación mesiánica, apocalíptica y a la vez para dar rostro, para dar voz a las nuevas tribus, a las nuevas sectas, a las nuevas comunidades. A unas comunidades que son sobre todo ritual y moral y mucho menos doctrina¹¹.

Então, o que parecia apenas um detalhe, não escapou aos profissionais da mídia: a linguagem adequada e a visibilidade do religioso. Na televisão, deuses, anjos e santos falam a linguagem da gente, falam das alegrias e tristezas, dos sonhos, desejos e esperanças do cotidiano da gente. Além disso, na mídia, os "representantes" destes deuses são perfeitamente identificáveis, criam um clima de proximidade, seja por sua maneira de vestir, seja por sua forma de interagir com os fiéis. Na atual sociedade pós-moderna, onde a visibilidade dos signos religiosos compete com uma infinidade de outros signos em lugares públicos, a mídia recupera estes signos e os coloca no espaço/lugar mais visível e agradavelmente palatável: a televisão. Sem julgar se isso é um retrocesso ou um progresso, aqui apenas a constatação de que se trata de uma inteligente tática/técnica comunicacional. É irrelevante, aqui, saber se o religioso é visível ou não; mas é muito relevante e pertinente ao nosso tema tentar saber se esta presença religiosa na mídia constrói sentido e que tipo de sentido.

Mas esta igreja eletrônica ou uma neo-religião midiática parece não entusiasmar a maioria dos jovens de hoje. O jovem deste tempo é uma categoria que, em geral, não constrói sentido a partir de arcaicos signos religiosos, como são os signos veiculados pela mídia e, muito menos, se entusiasma com uma participação comunitária sistemática. Suas relações são, geralmente, de grupo, mas de uma forma desenraizada, sem apego ao local, à casa, ao berço, ao nome. Assim, o grupo pode transformar uma discoteca, a esquina de um bairro, uma praça, a calçada de uma rua, uma pizzaria no seu lugar, seu espaço, seu mundo relacional, embora este espaço/mundo nunca seja definitivo. No imaginário do jovem, o local e o global, a "aldeia" e o mundo, a esquina em frente à sua casa e a Praça Vermelha em Moscou são apenas dois pontos diferentes do mesmo planeta Terra. Para a *geração internet*, o mundo tem as

dimensões de sua capacidade de navegar pelas infovias cibernéticas que as modernas tecnologias oferecem. Mas o seu grupo e sua cidade têm sempre mais força, mais *karma*, mais identidade que o macro-mundo que ele "recebe" e conhece pela televisão e pela internet; o impacto deste macro-mundo na sensibilidade do jovem contudo é muito, muito relativo.

As gerações mais jovens, talvez sem ter plena consciência do porquê, vivem já o que se está tornando uma espécie de imperativo nestes tempos de constante mudança: a definitiva dinâmica do provisório. Neste sentido, poderia ser de um jovem ou de outra pessoa desencantada com seu grupo ou perdida diante das não-perspectivas do amanhã, o texto grafitado num muro em Buenos Aires: *el futuro ya no es lo que era*. O grafite, anônimo, democrático, caótico, expressa o partilhado sentimento de perplexidade diante do amanhã que, para sempre mais gente, se apresenta nebuloso, cinza, vazio, sem sentido. Todas estas situações novas que a realidade globalizada traz e que incluem a constante mudança de referenciais e paradigmas tradicionais e históricos, parecem exigir uma atitude que, por sua vez e coerentemente, também não traz a marca da perpetuidade: é preciso saber viver a dinâmica de um definitivo provisório. *Que seja infinito enquanto dure*¹², como expressava nosso poeta maior *Vinícius de Moraes*, referindo-se ao sentimento do amor.

É por aí que se entende, também, a suspeita que recai sobre discursos definitivos, paradigmas, pessoas, instituições, projetos e situações ditos "ideais". Há, inclusive, os que vaticinam o fim das utopias, embora estes vaticínios venham, geralmente, com uma alta carga de interesse ideológico, patrocinado pelo sistema único globalizado, inimigo de utopias que possam iluminar e assinalar sistemas sociopolíticos e econômicos de sinal diferente daquele que identifica o sistema central e oligopólico.

*Penso que diante disso há somente uma saída possível; reinventar o futuro, abrir novos horizontes de possibilidades, cartografado por alternativas radicais àquelas que o deixaram de ser. Com isso se assume que estamos ingressando numa fase de crise paradigmática e, portanto, de transição entre paradigmas epistemológicos, sociais, políticos e culturais. É preciso assumir, igualmente, que já não basta continuar a criticar o paradigma ainda dominante, o que já é feito suficientemente. É preciso definir um paradigma emergente. Esta tarefa é, de longe, a mais importante e é, também de longe, a mais difícil. Diante de tudo isso, como proceder? Penso que há apenas uma solução: a utopia. A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, pela via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e pela qual vale a pena lutar.*¹³

Cenários de Esperança

Já se apontou para uma série de sinais e cenários de esperança ao longo deste trabalho. Nestas páginas finais se quer focar o que é de particular importância para a construção de sentido e contraponto de um cada vez mais forte não-sentido existencial, protagonizado, em grande parte, pelo processo de globalização que não é antropocêntrico, mas faz do mercado e do lucro seu principal e quase único referencial. Estamos falando da dimensão religiosa, seja na sua prática individual, seja na mediatizada ou, então, na comunitário/eclesial como um cenário de esperança importante na vida de sempre mais pessoas no mundo inteiro.

Na América Latina e, particularmente, no Brasil, onde as Comunidades Eclesiais de Base pontualizaram toda uma primavera cristã, desencadeando um processo de ressignificação teológica que teve como consequência natural uma prática religiosa diferente daquele tradicional e hierárquico, baseada em dogmas, decretos e normas magisteriais. Nesta prática, o cristão leigo era convocado para assumir seu ser e atuar cristão na comunidade, e a partir da sua comunidade referencial, atuava na sociedade. Esta ressignificação teológica, chamada “libertadora”, não foi compreendida nem aceita por amplos setores tanto da igreja católico-romana, quanto por igrejas cristãs históricas e, obviamente, pelos novos movimentos eclesiais ou religiosos. Cooptada por setores dominantes destes estratos eclesiais, esta ressignificação teológica entra no novo milênio cristão sobrevivendo em relações e práticas catecumenais. Por haver tido uma visibilidade e uma prática mais incisiva e socialmente transformadora no catolicismo romano, é nesta instituição eclesial onde recebe mais críticas e é definida como uma “teologia perigosa”. As comunidades de base significavam a “aldeia” da proposta cristã, a última Ceia e a manhã de Pentecostes, a nuclearização que permitia o reconhecimento e a acolhida pessoal, umas liturgias que celebravam as alegrias e as tristezas, os êxitos e os fracassos da caminhada do Povo de Deus, a vida concreta de cada assembléia reunida, de cada comunidade. Este cenário continua como referente cristão essencial, embora no momento não conte com as simpatias do poder eclesiástico estabelecido.

Há um cenário de esperança quando as pessoas, especialmente os jovens, sentem e expressam uma alergia quase natural com relação a tudo o que, tradicional e historicamente, se tem constituído em sinal de pressão e repressão. Esta alergia se dirige particularmente a instituições eclesiais que deixam de ser *sacramentum salutis* e se transformam em estruturas de poder autoconstituído, autoalimentado e autojustificado, sentindo-se ameaçadas por tudo o que escapa, de alguma forma, ao seu controle. Toda instituição que sente uma necessidade compulsiva de autoafirmação, negando-se a buscar a constante e necessária ressignificação

dos signos que lhe davam/dão vida, perde sua razão de existir. Esta é uma questão muito séria que as instituições eclesiais tem que enfrentar para não oferecer respostas a perguntas que já ninguém faz...

Há um cenário de esperança quando se constata a força das culturas, do entorno familiar, das relações primárias, do sentido de pertença grupal como mediações capazes de mudar o sentido das mensagens veiculadas pela grande mídia. As pessoas já não são pobres vítimas indefesas diante do “demônio” do sistema globalizado de meios e suas “diabólicas” intenções mas, pela força das citadas mediações, elas são capazes de construir seu próprio sentido.

Há um cenário de esperança quando se confirma que, para toda ação existe sempre uma reação de sinal contrário. "Não adianta, meu filho; a vida é assim mesmo!" é uma frase de efeito que não se sustenta enquanto inexorável fatalidade do destino humano que não se pode mudar. Na prática cotidiana, este fatalismo quase cultural é contestado por mulheres e homens reais e situados que, independentemente de raça, cor, cultura ou religião, realizam e assinalam com suas ações diárias, a reação contra a tendência, também presente e muitas vezes superdimensionada pelo sistema de meios, de um fatalismo histórico que arrastaria a humanidade para o vazio, o nada.

Há um cenário de esperança quando a publicação de um documento fechado, antiecumênico e proselitista de uma instituição eclesial cristã provoca uma reação em cadeia, tanto da parte de membros desta instituição, quanto de outras instituições cristãs. A interpretação possível neste caso, a partir do lugar da fé, é que a ação do Espírito se manifestou, não na elaboração e publicação daquele documento, mas sim na reação que se seguiu, provocando uma inequívoca reafirmação de anteriores espaços de conversão, de respeito, de um caminhar juntos no Senhor.¹⁴

Há sinais de esperança quando, nos espaços midiáticos, já não se busca associar nem identificar o religioso com determinada instituição eclesial, mas se valoriza o bem oferecido pela contribuição que este bem pode significar na vida das pessoas. Faz parte deste cenário de esperança quando as instituições se colocam a serviço dos bens da fé em geral, assumem seu papel de servidoras das relações entre as pessoas e referenciais éticos, enquanto se entende a ética e, particularmente, a bioética, como um código de disposições teórico/práticas normatizadoras do bem comum e das relações interpessoais e grupais na sociedade.

Há um cenário de particular esperança quando as igrejas, como lugar de organização comunitária, se tornam um espaço privilegiado de transformação social e de celebração da vida, contribuindo, a partir do lugar da fé, para a produção de sentido dos membros de cada comunidade. Assumindo sua dimensão e prática testemunhal, as relações comunitárias vividas nas igrejas, tornam-se referentes importantes de construção de sentido também para a sociedade em suas relações profissionais e sociais.

Há um cenário de esperança quando a religião assume seu papel mais importante: o de identificar o fenômeno de um crescente não-sentido existencial que leva sempre mais pessoas, por falta de alternativas, a pautar seu mundo da vida por uma disposição de estímulo-resposta, reagindo, positiva e compulsivamente, aos estímulos das mensagens da mídia. Aqui, a "missão" da religião é propor, a partir do lugar sociocultural, uma produção de sentido mais consciente, profunda e, inclusive, transcendente ao epidérmico estímulo-resposta.

Há um cenário de esperança quando as igrejas cristãs em geral já não confundem sua dimensão missionária com a prática proselitista. O ser missionário significa a apresentação de uma proposta de organização do sentir religioso de pessoas e grupos e sua participação presencial numa comunidade humana que possa contribuir para uma suposta qualidade de vida melhor. A decisão de pertença será sempre de quem é convidado a participar desta comunidade, cuja alma é a fé num Projeto e, na realidade cristã, um Projeto que se identifica com a pessoa de Jesus de Nazareth. O ser proselitista de uma instituição eclesial significa a postura de quem parte do princípio de que esta instituição é a possuidora única de verdades que não admitem discussão e, muito menos, contestação. É uma postura dogmática e, para afirmar ou impor estas "verdades", a instituição pode lançar mão de argumentos persuasivos de ordem subjetiva ou objetiva e, eventualmente, utilizar a força física ou psicológica.

Há um cenário de esperança na reação de amplos setores de igrejas históricas à prática simoníaca com os bens da religião e a gestação de uma religiosidade eletrônica que está transformando o *homo mediaticus* deste começo de século num homem religiosamente subjetivo, consumidor individual dos bens da fé, sem responsabilidade ética, até porque perde o contraponto referencial que a comunidade presencial oferece e significa.

Há um cenário de esperança na utilização dos meios de comunicação como espaços de interação comunitária, onde se recupera, também, uma prática religiosa e celebrativa de comunidades concretas e se estimula a participação presencial e o sentimento de pertença comunitária.

Há um cenário de esperança quando se recupera a importância social de uma comunidade de fé que se reúne sistematicamente para intercambiar experiências e vivências e celebra, ritualmente, sua caminhada e processo históricos e seu cotidiano, possibilitando um relacionamento personalizado e personalizante. Nisso está seu mérito, sua importância sociocultural e sua "utilidade" na construção de sentido de pessoas e grupos sociais.

Há um cenário de esperança quando se reflete, honestamente, sobre a presença religiosa na mídia e se desdemoniza o sistema de meios, acreditando que ele é, realmente, uma maravilhosa criação do homem que recebeu do Criador a potencialidade de tudo o que faz e constrói. É preciso incluir nesta reflexão, sem querer fazer aqui um juízo de valor, o significado e o desafio pastoral do controle remoto da TV, símbolo de uma *zapping religion* de "comunidades eletrônicas", organizadas digitalmente pelo imaginário religioso do perceptor e o sentido que esta comunidade eletrônica produz nele e em sua vida.

Há um cenário de esperança quando as religiões e igrejas crescem na consciência de que integram um contexto histórico determinado e que é sua missão contribuir com estratégias e alternativas eficazes para a dessatanização da tecnologia e sua corajosa utilização para abrir portas e oferecer oportunidades para novos atores culturais e comunicacionais. A pluralidade de atores e de mensagens é condição *sine qua non* para criar um ecossistema comunicacional democrático, necessário para construir um mundo justo e solidário.

Há um cenário de esperança quando se busca honestamente este novo *habitat* cultural/comunicacional ao serviço de um novo modelo de sociedade. O Projeto cristão, fiel a seu inspirador Jesus Cristo, põe uma ênfase especial na comunicação comunitária. Entende-se o comunitário como o lugar vital da experiência humana, onde a gente diz sua palavra, expressa seus desejos, exige seus direitos, celebra sua vida. E faz germinar os valores culturais que, logo, serão levados ao conjunto da sociedade.

Voltando ao início, é permitido sonhar com uma globalização humanista, sem que este sonho seja feito apenas de nostalgia ou mais uma utópica esperança? E a religião/religiosidade, pode ela oferecer uma contribuição realmente significativa para a produção de sentidos num mundo globalizado?

Talvez o texto grafitado num muro em Buenos Aires - *el futuro ya no es lo que era* - ou a letra da canção do cantor popular - *Pois é... prá quê?!* - ajudem a responder a esta dupla questão. A "aldeia" das relações pessoais e personalizadas é como um grito-futuro que vem dum passado-nostalgia. Não se pode negar: a pessoa humana é um ser e um lugar social e,

portanto, um ser/lugar relacional. Esta necessidade de interação relacional com o outro, semelhante e diferente, parece não ficar satisfeita em relações virtuais mediados eletronicamente. A interação com a mídia é uma necessidade óbvia deste tempo; mas existe um "algo" que a mídia não tem condições de passar, de animar, de presencializar, de satisfazer. É um algo de pele, de cheiro, de cor, de vibração, de tangibilidade física, de corpo e de alma. Esse algo mais, esse *plus* relacional, somente a "aldeia", com todo o seu significado, pode proporcionar ao ser humano. É neste sentido também que a prática religiosa, como uma dimensão humana, não pode esgotar-se em relações virtuais, no consumo individual dos bens da fé ou numa relação solitária com a divindade. Não no Projeto cristão, sempre um Projeto que se constrói com alguém, numa comunidade humana.

A religião... "pois é, prá quê?!" A esperança salta da própria pergunta, aparentemente desesperadora: quando alguém tem um "porquê" nos lábios, a busca pelo sentido está em sua mente e em seu coração. E todo o ser em busca é um ser que caminha; e todo aquele que caminha, encontra sempre novos motivos, novas razões para seguir caminhando. Mesmo que, como o poeta, diga para si mesmo: "caminheiro, não há caminho; se faz caminho ao andar". A religião, quando se transforma num espaço de busca pelo sentido maior do caminhar humano, alcança sua verdadeira razão de ser.

Concluindo, a religião, como espaço ainda possível da vivência da "aldeia", pode trazer um certo gosto nostálgico de um tempo passado diferente do atual, quando as relações mais pessoais e próximas permitiam o gozo de sentir o outro muito de perto, muito companheiro, muito corpo, muito alma/coração. Mas a religião é, também, um cenário de esperança, enquanto sempre mais pessoas buscam resgatar e viver os valores da "aldeia", da sua "aldeia" cotidiana, e construir sentido para seu existir num mundo globalizado. E talvez seja esta a missão mais "divina" da religião/religiosidade neste momento histórico: num cenário global, insistir, teimosamente, na reafirmação ressignificada do homem e da mulher como seres sociais, chamados a viver em comunicação e comunhão.

¹ Professor do Curso de Pós-Graduação da Unisinos-RS e Presidente da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC)

² LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama, 1994.

³ PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

⁴ PRANDI, Perto da magia... In: PIERUCCI e PRANDI, op.cit., p.103.

⁵ Idem, ibidem, p.104.

⁶ Antônio Vieira, religioso jesuíta do século XVII, famoso por seus sermões de conteúdo político e sociotransformador. O tom destes sermões seria classificado, hoje, de "apocalíptico".

- ⁷ PRANDI, *Religião paga, conversão e serviço*. In: PIERUCCI e PRANDI, op.cit., p.273.
- ⁸ LEITE NETO, Alcino. *Apocalipse do catolicismo*. Folha de São Paulo, Primeiro Caderno, Coluna de Opinião, São Paulo, 22 dez. 1998, p. 2
- ⁹ O termo "igreja eletrônica" se tornou comum e foi tema de debate e estudos, especialmente a partir da obra de Hugo Assmann: *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina* a.
- ¹⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Secularización, desencanto y reencantamiento massmediático. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, FELAFACS, n.41, mar.1995. p.76.
- ¹¹ Idem, ibidem.
- ¹² MORAES, Vinicius de. Soneto de Fidelidade. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p.77.
- ¹³ SANTOS, B. de Souza. A utopia e os conflitos paradigmáticos. In: LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999. p.95-96.

Trata-se do documento da Congregação para a doutrina da Fé *Dominus Iesus*, da igreja católico-romana, e que fala da unicidade e universalidade da Igreja. Esta Congregação é presidida pelo Cardeal alemão Joseph Ratzinger.